

# A SATISFAÇÃO DOS DESEJOS E NECESSIDADES NUMA SOCIEDADE INSATISFEITA

**LUIZ ALEXANDRE SOLANO ROSSI<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Desejos e necessidades são conceitos distintos mas muitas vezes usados como se fosse sinônimos. Contudo, os desejos são infinitos e as necessidades finitas. O capitalismo é um sistema econômico centrado no desejo dos consumidores. Podemos dizer que o consumismo não conhece limites. Nesse sentido, a sociedade seria uma eterna insatisfeita. Uma insatisfação que empurra a todos numa frenética corrida pelo consumo.

**PALAVRAS-CHAVE:** economia, capitalismo, consumismo

## THE SATISFACTION OF DESIRE AND NEEDS WITHIN AN UNSATISFIED SOCIETY

**ABSTRACT:** Wishes and needs are quite distinct concepts but they are frequently used as synonyms. Nevertheless wishes are infinite while needs are finite. Capitalism is an economical system centered in the consumers wishes. It's possible to say that consumerism has no limits. In this sense society would be a permanent dissatisfied. A dissatisfied which pushes all in a frenzied race for consumerism.

**KEY- WORDS:** economy, capitalism, consumerism

Toda e qualquer forma de absolutização engendra novos ídolos. Ídolos que trazem em si mesmos uma dupla exigência: adoração e sacrifícios. Não é outro o perfil que poderíamos traçar do neoliberalismo, um sistema que atrai para si as características de único e senhor e - ainda mais - se crê definitivo, como postulam todos os deuses. E, como deus, é proposto a nós amar o mercado e entregá-los

---

<sup>1</sup> O professor Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi, bolsista de Pós-Doutoramento do CNPq, atua em programa de Pós-Doutoramento. sob supervisão do prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, no Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp, com apoio, também, do Centro de Pensamento Antigo da Unicamp. É professor no Cesumar- Centro Universitário de Maringá (luizalexandre@cesumar.br).

a ele, um mercado-deus que exige privações, abnegação e renúncias contínuas.

Não obstante, princípio de todos os sistemas que se acham exclusivos e únicos é a criação e manutenção do próprio sistema como produtor de exclusão. Assim sendo, o neoliberalismo - que pode ser comparado com o capitalismo levado às últimas conseqüências - prega o lucro pelo lucro, que no capitalismo neoliberal se constitui no mercado total e onipotente.

É um sistema econômico que não apresenta lugar para todos. Nele a exclusão é decretada para a ampla maioria da humanidade. Sem dúvida que o neoliberalismo pode ser considerado como o maior muro que já se levantou para fazer a separação entre uma minoria de privilegiados e a maioria dos excluídos. Exclusão cada vez mais sofrida por seres conscientes que não foram feitos para se tomarem miseráveis, famintos, vítimas, ainda que esse pudesse ser o destino final deles. Assim, acabam por ingressar numa crise histórico-existencial, ou seja, excluídos de uma sociedade que os rejeita e que não funciona mais, mas fora da qual não há salvação. Uma verdadeira encruzilhada socioteológica! Quem sabe um muro mais vitimador e excludente que o muro de Berlim, no que já representou para a história da humanidade. Seu mundo tem limites bem definidos: aqueles que sacrificam e aqueles que são sacrificados. Os vitimadores e as vítimas. Os que têm e podem viver bem e, por isso, são incluídos no sistema, e do outro lado, os que não têm e não o são e, conseqüentemente, sobram. Peças descartáveis de um sistema ao mesmo tempo homicida, suicida e ecocida.

Nesse tipo de ambiente a humanidade aos poucos perde seu espaço e seu direito à vida. Quanto mais o mercado se impõe, menos possibilidade tem o ser humano para sobreviver. Quanto mais total e absoluto, mais a vida é relativizada. Nós vivemos na era da globalização, e a condição para tomar-se parte do mercado global é que o povo pague um alto custo social. Assim, aqueles que não são capazes de pagar são simplesmente excluídos. São dispensáveis e, por isso, não contam; portanto, não tem o direito assegurado ao desenvolvimento.

Num texto, Pedro Casaldáliga compreende adequadamente o caráter assumido e presumido do mercado como instituição transcendente e estabelece a sua crítica. A questão não é, evidentemente, o direito e até a necessidade do mercado, mas sim, negar-lhe primazia e a totalidade do mercado. O ser humano não se resume somente em comprar e vender. O lucro a todo custo e sem outras considerações e o consumismo desenfreado matam fisicamente aos que não têm acesso e matam moralmente os supostamente beneficiados”.

Sabemos que o progresso tecnológico, conjugado com a expansão do capitalismo exigiu um alto custo social, que pode muito bem ser caracterizado em termos religiosos como “sacrifício” de vidas humanas. Sacrificialismo (HINKELAMMERT, 1995;

ASSMANN, 1989) que acaba sendo legitimado em nome do progresso, ou seja, o mito de que todos os sacrifícios seriam compensados com uma vida de abundância para todos - no futuro.

Julio de Santa Ana traz um comentário pertinente: “Quando Milton Friedmann indica que para obter um índice de crescimento econômico apropriado é mister que este esteja baseado num necessário ‘custo social’, emprega uma linguagem econômica e religiosa que pode traduzir-se em termos religioso-teológicos como sacrifícios” (SANTANA, 1989:60). Assim, ao exigir o sacrifício, a economia neoliberal acaba confirmando sua natureza religiosa. O mercado é potenciador de desigualdades e, por isso mesmo, um produtor de vítimas. Produz vida para um pequeno número de nações e desestruturação social e morte para as grandes maiorias da humanidade. Uma espécie de darwinismo social e econômico.

O darwinismo seleciona quem deve e pode continuar vivendo ou sobrevivendo. Não seria essa a ordem natural das coisas, como anotou Novak: “No capitalismo democrático as desigualdades de riqueza e poder não são consideradas males por si sós. Estão em sintonia com as desigualdades naturais que todo mundo testemunha todos os dias” (NOVAK, s/d:97). Essa tese está carregada de repugnância exatamente porque é capaz de legitimar um sistema não de resultados iguais, mas sim, de um sentido de oportunidades iguais. Para o capitalismo, a possível repressão a energias humanas que manifestam desigualdades e, por isso, energias universais e perenes, é capaz de gerar males ainda maiores.

Sacrifício torna-se sinônimo de crescimento e de abundância. E se até o momento não houve a possibilidade de todos participarem da “festa da abundância” é porque não houve sacrifícios suficientes. Nota-se a indiferença pela massa de viventes sacrificados. Uma indiferença total pela morte lenta a que são submetidas multidões de miseráveis. Somente ele, o mercado, teria “poder” suficiente para conduzir a humanidade ao paraíso tão sonhado e aguardado. Um mercado que poderia assegurar um mínimo de renda e de bem-estar social para todos e capaz de contrabalançar as tendências à desigualdade tão visíveis e impressionantes nos tempos caóticos que vive a humanidade.

Enfim, um sistema econômico apto a operar de forma satisfatória. Estamos, portanto, vivendo numa sociedade de mercado que, elaborando uma religião/teologia de mercado, promete a felicidade, vida com fartura, sentido ao mundo como qualquer uma das religiões clássicas conhecidas. Mas convém lembrar que nenhuma elite vive sem as suas recorrentes vítimas.

É necessário “tirar a magia” (KUNG, 1992:28) que reside no mercado com cores religiosas. Torna-se necessário colocar a descoberto as iniquidades sociais

e ambientais do mercado. O progresso eterno, onipresente e onipotente não está à disposição de todos. A fé no progresso já não se sustenta com facilidade. Até mesmo sua credibilidade acha-se em decadência. Cria-se a noção, cada vez mais forte e contundente, de que o progresso econômico produziu em todas as partes do mundo conseqüências profundas e desumanas. Trouxe a vida abundante, mas também a destruição do meio ambiente e a desestabilização social em larga escala. O mercado colocou a atual sociedade “do desenvolvimento” num ritmo de contínua ameaça de autodestruição. Jamais o conjunto dos seres humanos foi tão ameaçado em sua sobrevivência. A lógica que prevalece é a da exclusão. E a esse grupo vai sendo incorporado uma multidão cada vez maior de incapacitados.

Infelizmente, no fim do século XX houve, ao mesmo tempo, um grande consenso sobre a necessidade de uma democracia liberal formal como o melhor caminho para organizar a vida das nações e ao mesmo tempo uma espécie de tirania dos “poderes absolutos” do mercado no domínio econômico da vida. A modernidade, através do capitalismo, assumiu destarte uma gênese religiosa, substituindo o mais-além celestial medieval por um mais-além terreno - intra-histórico - em que seria possível a satisfação ilimitada de todos os desejos dos indivíduos.

Utilizo o termo “sociedade insatisfeita” de acordo com a noção dada por Agnes Heller. Um termo que não possui caráter essencialista, mas sim, “busca captar a especificidade de nossa época mundial da perspectiva das necessidades ou, mais particularmente, da criação, percepção, distribuição e satisfação das necessidades (HELLER, 1998 :29)”. Ora, a única possível resposta para uma sociedade insatisfeita seria a implantação plena e irreversível do capitalismo. Afinal, o capitalismo se apresenta como capaz de satisfazer todos os desejos humanos. Diz Jung, analisando uma tese neoliberal: “(...) a satisfação de todos os desejos é possível com a acumulação ilimitada de riquezas propiciada pelo progresso técnico (...) o sistema social que gera o máximo de progresso tecnológico é o verdadeiro caminho para o paraíso” (SUNG, 1998:30).

A satisfação de todos os desejos está intimamente ligada ao progresso infinito da técnica e da ciência. Mas, diga-se de passagem, transcendentalizando os progressos infinitos. Essa questão pode muito bem ser exemplificada pela possibilidade de reanimar alguém que já morreu. De certa forma, essa é a busca pela fonte da juventude, ou ainda da imortalidade. Segundo a revista VEJA ESPECIAL n. 51, p. 126 de 23/12/1998, quase uma centena de cabeças humanas, algumas ainda ligadas a seus corpos, esperam pelo futuro em tanques de hibernação, congeladas por nitrogênio líquido a 196 graus Celsius negativos.

Note-se que esse tipo de esperança é profundamente excludente. Afinal, por mais sinistro que possa parecer um relato como esse, a realização da esperança somente é possível porque as pessoas que eram donas dessas cabeças, antes de perdê-las, eram profundamente afortunadas. Sendo assim, é uma esperança para quem detém o capital, portanto a grande maioria da população deverá continuar inapta para beber da fonte da juventude.

Certamente a insatisfação não é a essência única da sociedade moderna, porém se faz necessária. Afinal de contas, faz alguma diferença para o mundo ou para os outros que existamos ou não? Seria a eliminação do sujeito insatisfeito a solução para o caos socioeconômico?

Na verdade, a sociedade insatisfeita é um espaço geográfico onde impera o dogma do que é útil; um espaço onde as ordens sociais e as pessoas se tomaram contingentes. Assim, a pessoa individual pode existir como também não existir, conforme o seu padrão de utilidade.

Qual o motivo? As relações de reciprocidade passam a dar lugar às relações de exclusão da vida social. Ou seja, o mercado passa a ser vista como uma instituição social reguladora das demais relações; conseqüentemente, ele relega para a marginalização as relações de reciprocidade ou solidariedade.

A vida cotidiana começa a ser preenchida, em todos os seus espaços, pelo mercado, e a produção não é mais regida pelas necessidades humanas, mas sim, pelos desejos do mercado.

Não obstante, se faz necessário uma análise mais aproximativa dos termos que estamos utilizando: desejos e necessidades. Há uma relação intrínseca entre eles. Partilhariam desejos e necessidades do mesmo campo semântico? Essa é uma das grandes confusões que estão estabelecidas e que merecem um aprofundamento.

Julio de Santa Ana tenta, ainda que de forma simples, historiar a gênese (SANTANA, 1989:79) da satisfação dos desejos/necessidades. Contudo, ele mesmo não percebe que esse terreno precisa ser muito bem delimitado. Diz ele que o período do século XII ao XIX foi uma época em que o espírito burguês procurou buscar a autonomia e acabou assim por se posicionar contrariamente ao estilo de vida que se repetia incansavelmente e que levava o indivíduo a contentar-se em ganhar o necessário para sobreviver. Mas o burguês busca essa superação. Não importa somente viver, é necessário “viver bem”. Diz Santa Ana: “Pormada sob os ensinamentos do calvinismo, a burguesia holandesa notabilizou-se inicialmente por sua austeridade. Ao perceber que tinha o poder do dinheiro, a força da riqueza, ela substituiu a contenção pela extravagância, dispondo-se a pagar fortunas, por exemplo, para importar da Turquia as primeiras

tulipas” (SANTANA,1989:79).

A questão se torna complexa. Tomemos o exemplo acima como referência. Como poderíamos classificar as tulipas? Seriam elas desejos ou necessidades? Não estaria o bem geral (necessidade) sendo buscado por meio da satisfação do interesse próprio? Nesse caso temos uma lógica absurda: ainda que a satisfação do interesse próprio pressuponha a não-satisfação das aspirações dos outros, desenvolve-se uma crença de que há uma providência atuando ao lado do capitalista que lhe permite crer que ele faz o bem, mesmo promovendo o mal. De outro lado temos a necessidade de nos alimentarmos Todos os dias se quer comer. Saciar a fome - companheira de milhões de seres humanos - é o desejo recorrente. É o único desejo recorrente, porque também uma necessidade fundamental para a sobrevivência. Afinal, se a vi-são acaba, se a audição acaba, se o sexo acaba, se o poder acaba - a fome continua!

Isso me faz recordar um trecho muito bem-urdido por José Roberto Torero, que descreve bem essa situação de desejo e utilidade. Num diálogo entre o Coronel e o General, em plena campanha militar que espalhava a fome e o cólera entre os soldados, se entrevê a seguinte situação:

- Vamos abandonar os coléricos
- O quê!?
- Não me obrigue a repetir.
- Deixá-los aqui, sem médico nem comida?
- Nem munição
- Mas isso é deixá-los à morte!
- Se não for assim, seremos levados pela peste.
- Mas eles já devem passar de cem!
- Que fossem duzentos. Quanto mais forem, maior a razão para deixá-los.
- É uma desumanidade!
- É uma necessidade.

O que se segue ao diálogo é uma auto-reflexão do Coronel que possibilita-se entender a situação. Expressão que beira a tragicomédia, como bem retrata o autor:

O Coronel saiu da tenda enfurecido. Porém, como a ira é coisa que se gasta com o tempo, passados alguns minutos foi aceitando a decisão. Primeiro convenceu-se de que realmente era melhor que morressem poucos para que muitos vivessem;

depois disse a si mesmo que não estavam matando os companheiros, mas apenas abreviando a sua dor; e por fim percebeu que, se os doentes continuassem a segui-los, bem poderia ser que ele próprio acabasse morto. razão que curou de vez a sua cólera (TORERO, 1998: 108).

A análise do consumismo realizada por Baumann nos indica a mesma direção:

o consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades - nem mesmo as mais sublimes, distantes necessidades de identificação ou a auto-segurança quanto à adequação. Já foi dito que o *spiritus movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável de necessidades articuladas, mas o desejo - entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não-referencial que as “necessidades”, um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificação ou causa. A despeito de suas sucessivas e sempre pouco duráveis reificações, o desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos (físicos ou psíquicos) que marcam seu passado” (2001 :88).

Ora, o pensamento econômico neoliberal está assentado sobre o conceito de desejos, e não de necessidades. O que motiva o consumo não é a busca da felicidade, mas a possibilidade de vencer um competidor. De certa forma, numa era de excessos como a que estamos vivendo, o dinheiro não satisfaz as pessoas. Franz Hinkelammert já alertava a respeito desse arrazoado, dizendo que nesse tipo de economia neoliberal “pressupõem que o homem não tem necessidades, mas unicamente gostos” (HINKELAMMERT, 1986:63). Isso levaria a uma satisfação que não duraria muito, pois “no mundo dos consumidores as possibilidades são infinitas, e o volume de objetivos sedutores à disposição nunca será exaurido” (BAUMANN,2000:85-86)

A discussão deixa de ser referente às necessidades básicas e diárias da so-

brevivência e passa para considerações subjetivas. A necessidade de se viver com qualidade, que implica na superação de uma vida de carência, sofrimento e caos, é rebaixada ao desejo de posse de mercadorias e ao cumprimento dos padrões de consumo impostos pela própria sociedade de consumo e pelo mercado. David Lyon, professor de Sociologia na Queen's University Kingston, observa a esse respeito:

A televisão e a cultura de consumo pertencem à mesma classe, embora seja um erro imputar status causal simples à primeira. Elas cresceram simbioticamente desde a Segunda Guerra. Como Baudrillard sugere, o pós-moderno se separa do moderno quando a produção de demanda - dos consumidores - se torna central. E a TV tem tudo a ver com a produção de necessidades e de desejos, a mobilização do desejo e da fantasia, da política de distração. Os objetos de consumo são na verdade um sistema de sinais que diferencia a população (LYON,1998:88).

A inversão carrega algo de trágico dentro de si: a arte das nossas necessidades faz dos desejos elementos preciosíssimos. O consumismo adquire uma condição social putativa completamente nova. Todavia, quais são as possíveis conseqüências para estilos de vida, ou para valores como autoridade, solidariedade, identidade ou esperança? Estaríamos, de fato, sucumbidos e imersos em uma sociedade de consumo, onde tudo é exibição, um espetáculo, e a imagem pública é tudo? O consumismo e o consumo são temas pós-modernos básicos. A partir deles somos o que consumimos (aquilo que podemos comprar). O reino da fantasia, portanto, também o da exclusão, estão mais próximos do que pensávamos.

Ao comentar esse tema, Jung Mo Sung nos mostra que “as teorias econômicas liberais e neoliberais e a produção das empresas privadas estão pensadas em termos de satisfação dos desejos dos consumidores”; e acrescenta: “só que estes desejos são apresentados também como necessidades” (SUNG, 1998:49). A confusão se instala precisamente porque se apaga o conceito de necessidades humanas. As necessidades - como comida, bebida, casa, saúde - deixam de ser discutidas e analisadas. A realidade objetiva e concreta abre espaço e lugar para a produção de



desejos ilimitados. Um bom exemplo de desejos ilimitados e, por isso mesmo, não propício a muitos, poderia muito bem ser o seguinte: em meados de 1977, a Gulfstream Corporation, companhia que produz jatos de luxo de até 40 milhões de dólares, tinha uma lista de espera de 98 interessados. Em 1998, o presidente da fabricante canadense de bebidas Seagram, Edgar Bronfman Jr., vendeu seu lugar na fila a um empresário mais impaciente por seu objeto de desejo e de consumo.

Na verdade, estamos diante de um efeito perverso da prática da solidariedade. Afinal, como partilhar se nunca sobra nada? Se todos os meus desejos ainda não foram satisfeitos?

Nesse sentido, a sociedade seria uma eterna insatisfeita. Uma insatisfação que atinge a todos. Uma insatisfação que empurra a todos numa frenética corrida pelo consumo. O consumo estaria freqüentemente sujeito a retornos crescentes e proporcionais à quantidade consumida. Quanto mais a pessoa tem, mais a pessoa quer e maior a satisfação resultante dos objetos adquiridos. A cada ano, por exemplo, os americanos consomem mais de seis Brasis. São 5 trilhões de dólares gastos em lojas, na aquisição de automóveis, em supermercados e viagens. Pode-se dizer que a classe média daquele país gasta tudo o que entra no bolso. Na febre da luxúria, não há limites para o superconsumo e, conseqüentemente, os americanos já começam a se endividar a fim de continuar consumindo. Da taxa histórica de 20 dólares poupados a cada 100 dólares recebidos, os americanos partiram para a mais irrefreada ganância. Segundo dados divulgados pelo próprio governo americano (VEJA, 10/03/1999, n° 10, p.128), eles estão gastando 99 de cada 100 dólares ganhos.

A conduta do consumidor passa a ser o eixo em torno do qual gira a sociedade. Sua liberdade de consumo está intrinsecamente ligada ao mercado de consumo. Novos carros, novos brinquedos, novos cosméticos, novos sapatos são oferecidos dia a dia. Nessa sociedade superindustrial em que vivemos as possibilidades de escolha são enormes e crescentes. As opções são tantas e tamanhas - por ocasião das transformações dos desejos e dos objetos - que o ser humano se vê em constante mudança rumo a novas e diferentes opções. Rubem Alves nos alerta para aquilo que chama de “velocidade do possuir” (ALVES,1986:46). Velocidade essa que surge da passagem de uma situação de permanência das sociedades tradicionais para uma estrutura de transitoriedade da nova sociedade. Nesse caso, os produtos dos desejos são planejados e construídos para que se estraguem ou saiam de moda

rapidamente. Segundo Alves, “a depreciação planejada atingirá todos os setores da vida humana. Vai ser extinta a estabilidade dos objetos: rapidamente eles deixarão de ser coisas prazerosas em nossas mãos, e então teremos de buscar outros novos” (ALVES, 1986:46). Isso trará graves conseqüências em nível social, como bem detectou David Lyon:

E no nível social, a pressão para gastar vem da rivalidade simbólica e das necessidades de construir nosso eu (imagem) através da aquisição do distinto e do diferente...O capitalismo não apenas permanece intacto, mas é ainda mais forte, e pode divisar um futuro melhor (LYON, 1998:101).

A partilha passa a ser substituída pelo primado do egoísmo, e uma sociedade não pode funcionar se todos os seus membros agirem sempre com a intenção exclusiva de se autobenefiar. A expressão egoísmo passa por um processo de renovação semântica. Não está mais vinculada à ânsia de possuir e cobiçar. Ao contrário, passa a codificar uma visão de liberdade humana que excede em muito o interesse próprio. O egoísmo, após essa cirurgia semântica, passa a ser virtude. Estamos diante de um processo que transforma o que antes era considerado mal em virtude a ser cultivada pelos seres humanos. Milton Friedman define o egoísmo/virtude a partir da liberdade de escolha das pessoas conforme seus próprios interesses

... o significado amplo que deve ser vinculado ao conceito de egoísmo. Uma preocupação mesquinha com o mercado eco-nômico tem gerado interpretação estreita de egoísmo como amor-próprio míope, como preocupação exclusiva com as recompensas materiais. A economia tem sido censurada sob a alegação de tirar conclusões muito genéricas de um “homem econômico” inteiramente irrealístico, que é pouco mais que uma máquina de calcular, reagindo somente a estímulos monetári-os. Trata-se de um grande erro. Egoísmo não é amor-próprio míope. Ele é qualquer coisa que interessa aos participantes, a despeito do que estes valem, a despeito das metas que buscam. O cientista procurando avançar as fronteiras de sua matéria, o

missionário buscando converter infiéis à fé verdadeira, o filantropo buscando levar conforto aos necessitados - todos vão à procura de seus interesses, como eles os vêem, como eles os julgam à luz de seus próprios valores (apud NOVAK, s/d: 109).

Uma corrida que uma vez iniciada, nunca termina: comecei, mas não posso terminar: essa é a lógica do consumo impregnada no ser humano pós-moderno. Mas é necessário compreender a importância de se manter o “continuum” da corrida. Nas palavras de Baumann:

Então é a continuação da corrida, a satisfatória consciência de permanecer na corrida, que se toma o verdadeiro vício - e não algum prêmio à espera dos poucos que cruzam a linha de chegada. Nenhum dos prêmios é suficientemente satisfatório para destituir os outros prêmios de seu poder de atração, e há tantos outros prêmios que acenam e fascinam porque ainda não foram tentados. O desejo se toma seu próprio propósito, e o único propósito não-contestado e inquestionável (2001:86).

Pode-se dizer que o consumismo não conhece limites. Podemos falar da globalização do consumismo desenfreado. É necessário fazer uma ressalva: o consumismo é global não no sentido de que todos podem consumir, mas no de que todos são afetados por ele. Afinal, somente os que não consomem, os que não estão suficientemente integrados no mercado consumidor, são afetados pela exclusão. Mas - pergunta-se - por que os que não têm condições de consumir deveriam ser excluídos da participação plena na vida social e deixar, com isso, de ser cidadãos em plenitude? O consumismo é ainda transideológico: atinge ricos e pobres ao expandir seus tentáculos. Tudo passa a estar fragmentado, disperso e plural - como se estivesse numa prateleira de um supermercado, sujeito às escolhas e preferências do consumidor. Nessa expansão tentacular nem a religião escapa ilesa. Também a escolha do consumidor pode se infiltrar na vida religiosa e na vida da Igreja. Reginaldo Bibby converge nesse aspecto ao argumentar que a religião “se tomou um item de consumo delicadamente embalado - assumindo seu lugar entre outras mercadorias que podem ser compradas ou rejeitadas de acordo

com os caprichos de consumo de cada um” (*apud* LYON,1998:95).

O capitalismo é um sistema econômico centrado no desejo dos consumidores. Um desejo insatisfeito que atinge a todos. Nessa corrida sem fim rumo ao consumo infinito com o objetivo de satisfazer definitivamente toda sorte de desejos, o capitalismo de mercado surge com sua roupagem religiosa - propagando sua mensagem salvífica: a única saída é adentrar o templo desta nova divindade, que promete o que não poderíamos alcançar em nenhum outro lugar. Nessa perspectiva, o capitalismo se apresenta como capaz de realizar todos os desejos humanos. Afinal, se uma sociedade de consumidores se baseia na comparação universal, então o céu é o único limite. Nesse sentido, a própria idéia de “luxo” não faz muito sentido, pois a idéia é fazer dos luxos de hoje as necessidades de amanhã, reduzindo assim ao mínimo a distância entre o “hoje” e o “amanhã”.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ALVES, R. *A gestação do futuro*. São Paulo: Papirus, 1986

ANA, J. de S. *O amor e as paixões*. São Paulo: Santuário, 1989

ASSMANN, H. & HINKELAMMERT, F. *A idolatria do mercado*. Petrópolis: Vozes, 1989

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2001

FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura*. São Paulo: SESC/Nobel,1997

HELLER, A. & FEHER, F. *A condição política pós-moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998

HINKELAMMERT, F. *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental*. São Paulo: Paulus,1995

HINKELAMMERT, F. *Crítica à razão utópica*. São Paulo: Paulinas, 1986

KUNG, H. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1992

LYON, D. *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998

NOVAK, M. *O espírito do capitalismo democrático*. Rio de Janeiro: Nórdica, s/d

SUNG, J.M. *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis: Vozes, 1998

TORERO, IR./ra. *xadrez, truco e outras guerras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998